

A INDÚSTRIA BRASILEIRA DE CELULOSE E PAPEL EM EXPANSÃO (E SEUS LIMITES)

"Gosto de forçar os limites" / "I like pushing boundaries"

Lady Gaga, cantora considerada uma das mais arrojadas dos últimos tempos.

CONSUMO MUNDIAL DE PAPEL E CARTÃO

Os mesmos fatores que têm norteado a evolução do mercado mundial de celulose e papel nos últimos anos têm continuado a nortear o desenvolvimento do setor.

A demanda mundial de papel e cartão deverá crescer do patamar de 395 milhões de toneladas em 2011 para cerca de 496 milhões em 2025, correspondendo a um crescimento anual de 1,6%.

Papéis sanitários (tissue), papéis para embalagem e cartões serão os tipos de produtos do setor que apresentarão maiores crescimentos (média anualizada de 2,4% a 3,1% ao ano). Por outro

lado, o consumo de papéis para impressão que contenham pasta mecânica – incluindo papel jornal – continuará com tendência ao declínio. A tendência de aumento do consumo nas regiões em

Por Carlos Alberto Farinha e Silva* e Jefferson Mendes Bueno**

*Vice-presidente da Pöyry Tecnologia Ltda. E-mail: carlos.farinha@poyry.com

**Diretor-presidente da Pöyry Silviconsult. E-mail: jefferson.mendes@poyry.com

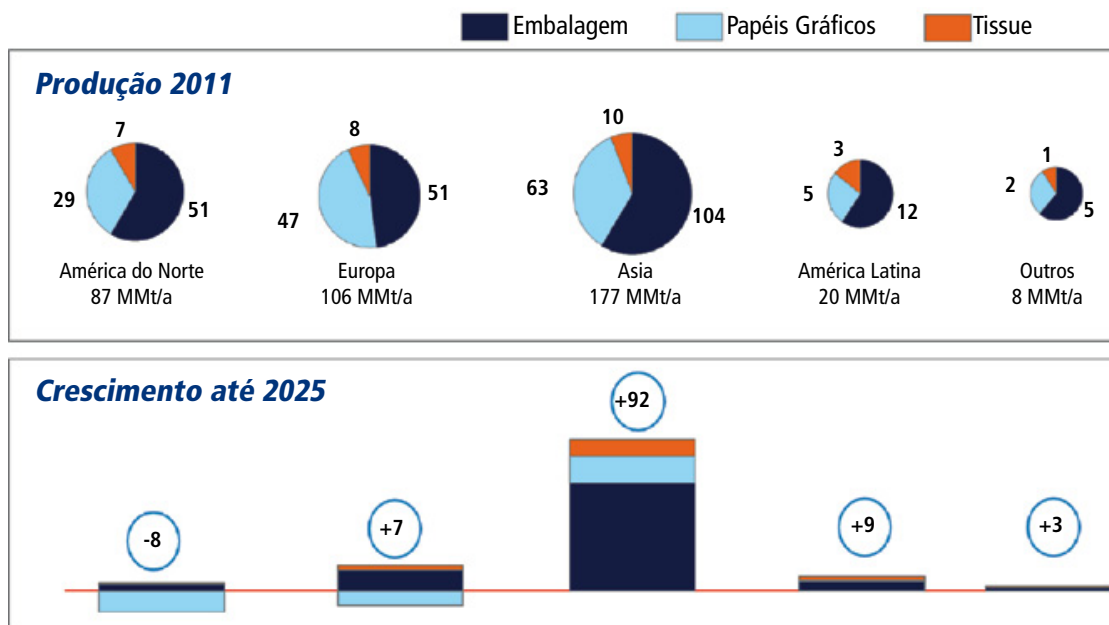


Figura 1 – Produção de papel e papel cartão até 2025 (milhões t/ano)

desenvolvimento também deverá manter-se ou mesmo acentuar-se. O destaque continua sendo a Ásia – especialmente China e Índia.

A **Figura 1** mostra que, dos cerca de 100 milhões de toneladas de consumo incremental de papel e papel cartão, 92 milhões deverão ser produzidos na Ásia.

A Ásia foi responsável por 45% da produção mundial de papel e papel cartão em 2011. O fato notável deve-se à previsão de que seja responsável por cerca de 90% do aumento global da produção até 2025.

SUPRIMENTO MUNDIAL DE FIBRA PARA FABRICAÇÃO DE PAPEL E PAPEL CARTÃO

O papel reciclado (aparas) é – e continuará a ser no futuro próximo previsível – a principal fonte de matéria-prima fibrosa para a fabricação de papel. O consumo mundial de aparas deverá crescer cerca de 2,3% ao ano no longo prazo, atingindo perto de 230 milhões de toneladas em 2025. Acompanhando a mesma tendência para o consumo de papel, sua maior utilização deverá acontecer na Ásia. A celulose kraft de fibra curta (BHKP), especialmente de eucalipto, deverá aumentar sua participação. A **Figura 2** mostra o consumo da matéria-prima fibrosa

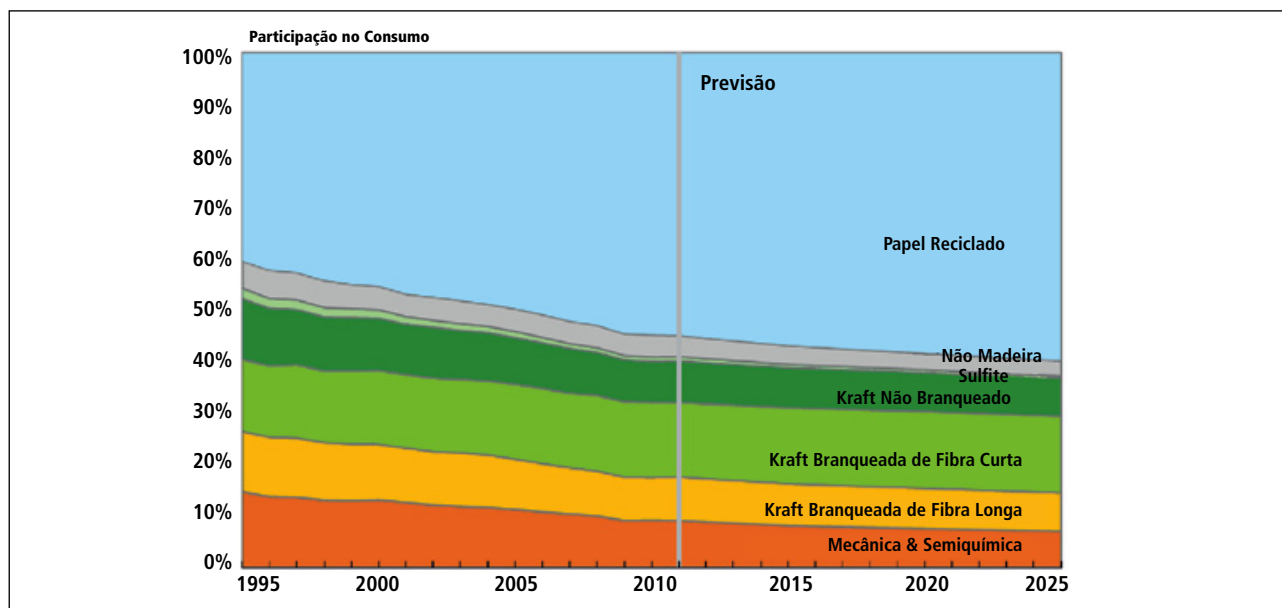


Figura 2 – Matéria-prima fibrosa para papel no mundo (1990–2025)

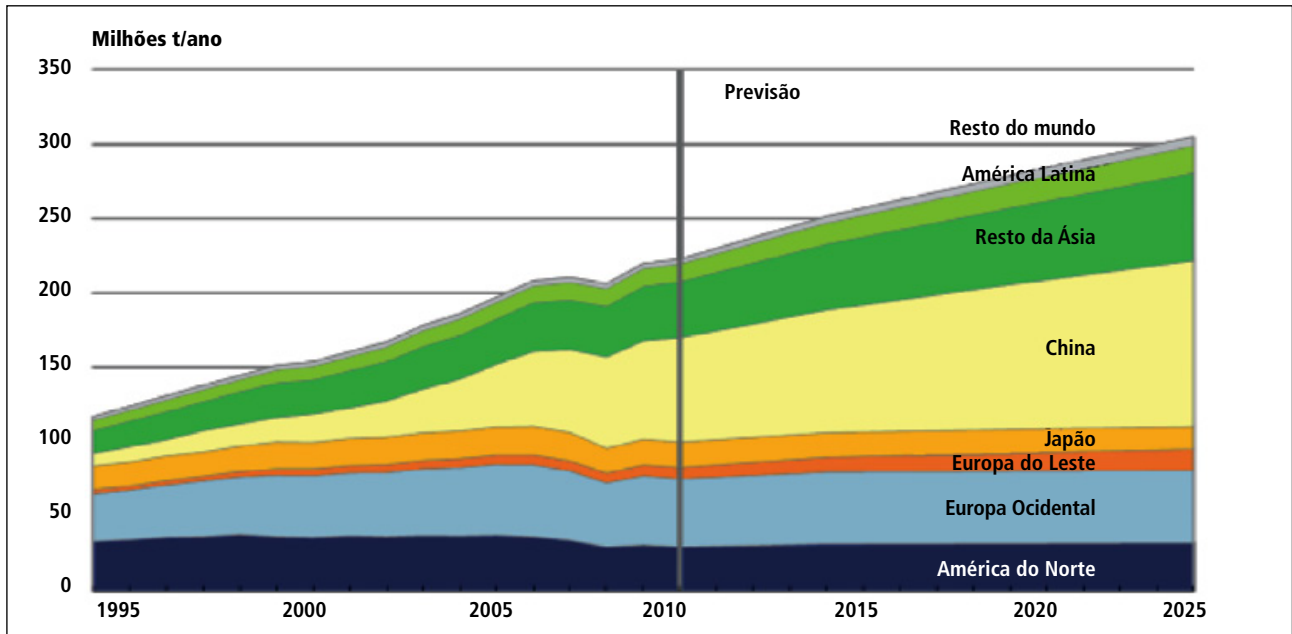


Figura 3 – Consumo de papel reciclado (aparas) por região até 2025 – milhões t/ano

para papel no mundo; a **Figura 3**, o consumo de aparas por região.

O ritmo de crescimento do papel reciclado será maior do que o do incremento de consumo de papel, porém tende a diminuir devido ao aumento dos custos de coleta e à degradação da qualidade de aparas nos países desenvolvidos. Essa tendência é explicada pela diminuição do consumo de papéis gráficos, em especial na América do Norte e na Europa, pela concorrência dos meios eletrônicos de comunicação. Diminuindo o consumo, conseqüentemente diminui a quantidade de aparas brancas disponíveis de melhor qualidade

usadas na produção de papéis sanitários e de embalagens. Tal fenômeno não tem sido compensado pelo aumento de coleta de aparas nas regiões em desenvolvimento (**Figura 4**).

Os países em desenvolvimento, principalmente os asiáticos, têm dependido fortemente do fornecimento de aparas, boa parte importada dos países desenvolvidos, em especial da América do Norte e da Europa, atualmente cada vez mais escassas e de pior qualidade. Essa escassez fomenta a intensificação do uso de fibra virgem, com grande relevância para BEKP (celulose kraft de eucalipto branqueada).

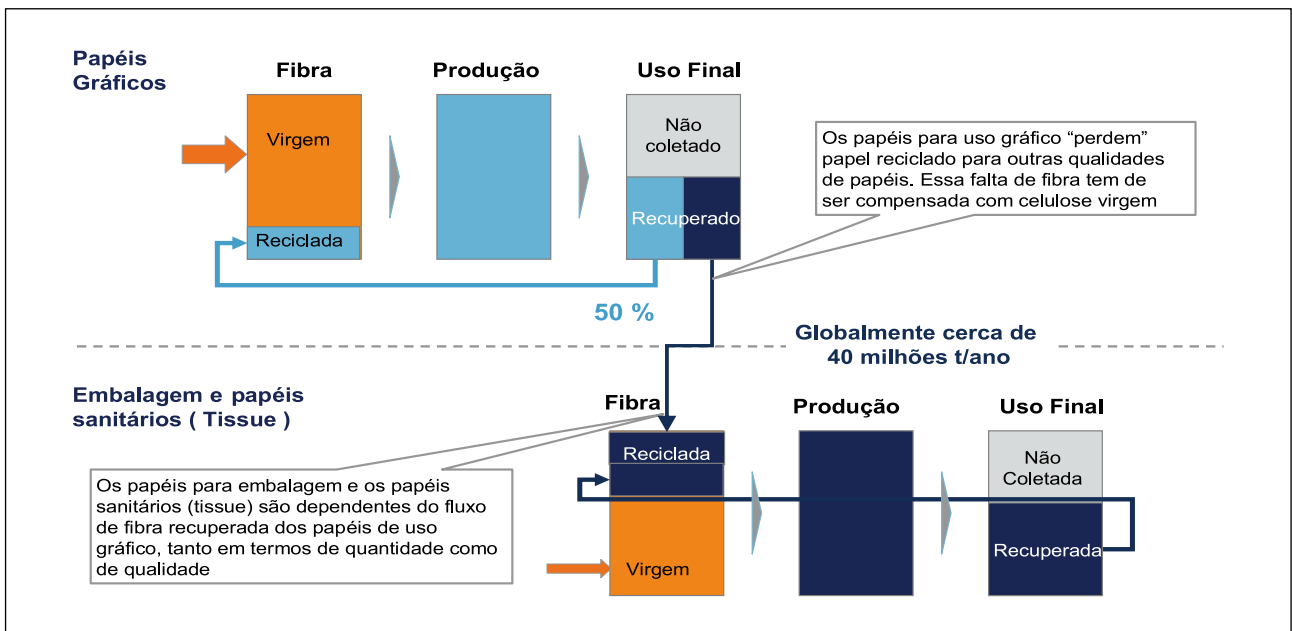


Figura 4 – Aparas de papéis gráficos são importante fonte de fibra

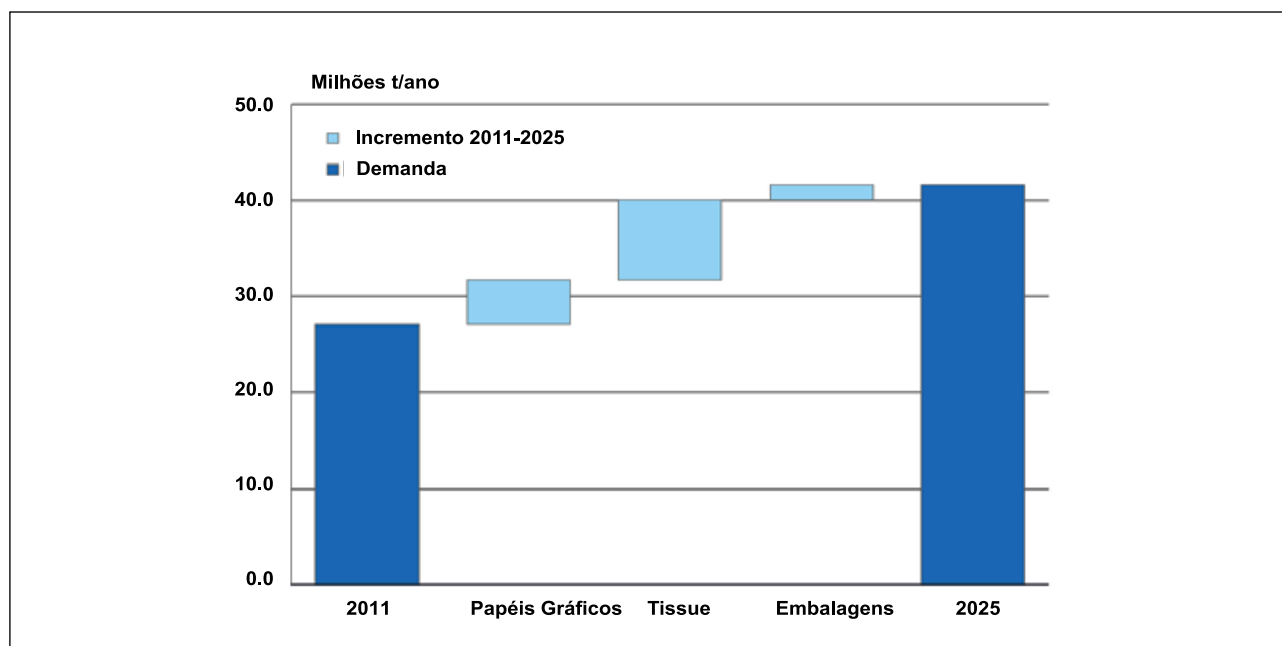


Figura 5 – Principais forças motoras no crescimento de BHPK 2011-2025

As forças que impulsionam o mercado de fibra curta branqueada, em termos de consumo e suprimento, estão ligadas aos seguintes fatores:

- redução do consumo de papéis gráficos no mundo desenvolvido, o que acarreta uma diminuição do consumo de celulose de mercado, diminuição essa, porém, mais do que compensada pela menor disponibilidade de aparas brancas para consumo e exportação;
- fechamento de fábricas de celulose baseadas em "não madeira" (exemplos: bambu, palha, bagaço, junco, etc.);
- aumento dos custos de madeira proveniente de florestas plantadas (concorrência pelo uso de terra para outros fins);
- entrada no mercado de novas unidades localizadas em ambientes competitivos;
- favorecimento de celulose de mercado de fibra curta na fabricação de alguns tipos de papel, como e especialmente tissue, para melhoria de qualidade (**Figura 5**);
- destinação de celulose para a fabricação de outros produtos que não papel (celulose fluff, celulose solúvel, não tecidos, etc.) com bom crescimento de mercado, o que tem motivado a conversão de várias unidades de celulose originalmente destinadas a celulose para papel.

O aumento da utilização de BHPK (celulose kraft de fibra curta) – e mais especialmente de BEKP (celulose kraft de eucalipto branqueada) – na fabricação de tissue é o mais importante dos vetores de crescimento mencionados anteriormente.

Até 2020, o consumo de tissue deverá aumentar cerca de 6 milhões de toneladas por ano, porém o consumo de BHPK na sua produção

criará ainda mais durante o período, atingindo um incremento de cerca de 7 milhões de t/ano.

Parte desse aumento deriva do crescimento em si do consumo de tissue, mas em significativa parcela devido à "virginização" da matéria-prima fibrosa utilizada, isto é, da substituição de papel reciclado por fibra virgem, na maioria por celulose de mercado.

A **Figura 5** ilustra a relevância do crescimento da utilização de BHPK na produção de papéis sanitários.

A INDÚSTRIA DE BASE FLORESTAL BRASILEIRA – DESAFIOS E LIMITES

A indústria de base florestal brasileira, fundamental para a economia nacional, enfrenta sérios desafios para manter sua competitividade, tanto no curto quanto no médio prazo. Isso é particularmente verdadeiro para os segmentos que têm como alvo o mercado externo.

SETOR FLORESTAL EM 2012

- Área Plantada: ≈ 7 milhões de hectares
- Valor Bruto da Produção: R\$ 56,3 bilhões
- Tributos Pagos: R\$ 7,6 bilhões (0,5% do Brasil)
- Empregos: 4,4 milhões (diretos, indiretos, efeito renda)
- Exportações: US\$ 7,55 bilhões (3,1% do Brasil)
- Importações: US\$ 2,03 bilhões
- Saldo da Balança Comercial: US\$ 5,52 bilhões (28,4%)
- Produção de Celulose: 14 milhões de t/ano
- Exportação de Celulose: 8,5 milhões de t/ano

Internamente, a economia brasileira vem patinando nos últimos dois anos, e os fundamentos macroeconômicos apontam para um recrudescimento da inflação e um crescimento econômico anêmico. Nos últimos 12 anos, enquanto a inflação média no País foi da ordem de 6,6% ao ano, os preços médios ponderados dos principais recursos de produção utilizados na produção de madeira cresceram aproximadamente 9,8% ao ano (índice Incaf Pöyry – **Figura 6**). A indústria de construção civil, um dos principais clientes da indústria florestal, praticamente parou de crescer em 2012, e a indústria não integrada de ferro-gusa está com aproximadamente 60% de capacidade ociosa e sem perspectivas de reação.

Se olharmos para o histórico das curvas de capacidade cumulativas/

custos de produção (**Figura 7**), vemos forte tendência à “horizontalização”, devido ao fato de que as novas capacidades que têm vindo a ser implementadas estão localizadas em regiões competitivas, especialmente na América Latina e no Sudeste Asiático. No longo prazo, a África pode vir a tornar-se um competidor relevante, especialmente na área oriental, devido à sua vantagem logística na exportação para a Ásia.

Apesar da consciência quanto a esse contexto e cenário negativos, não se visualizam soluções de curto e médio prazos para impulsionar a economia brasileira de forma sustentável, principalmente devido às características dos gargalos estruturais, o chamado “custo Brasil”: infra-estrutura deficitária, regime tributário complexo, carga tributária a penalizar o investimento e a produção, burocracia excessiva e força

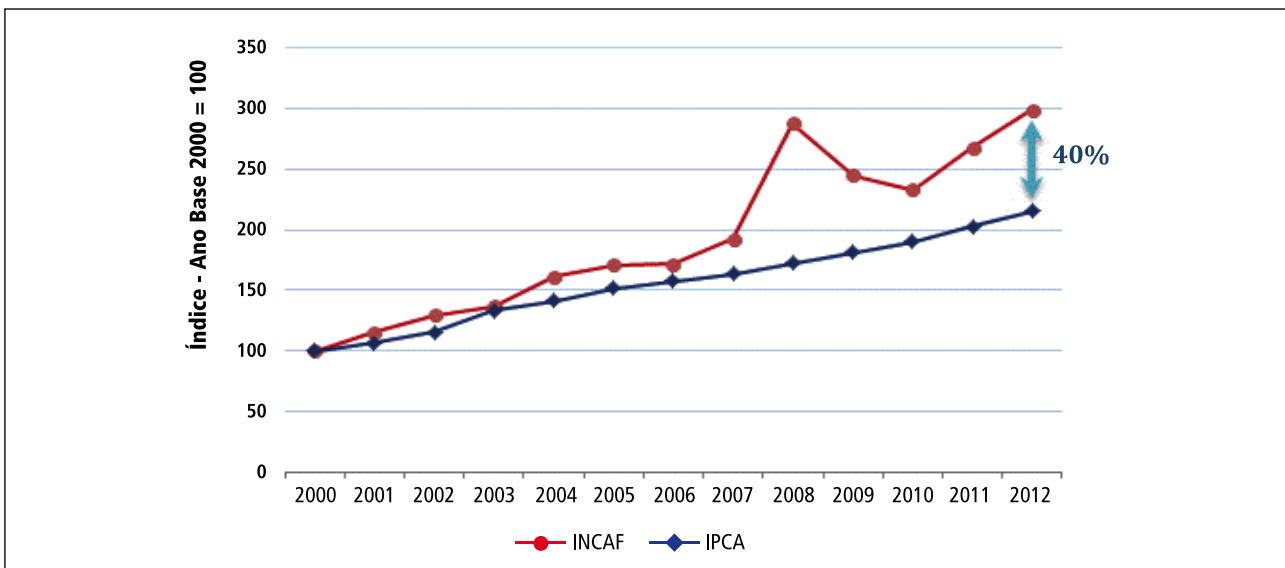


Figura 6 – Evolução dos custos florestais em relação ao IPCA (2000–2012)

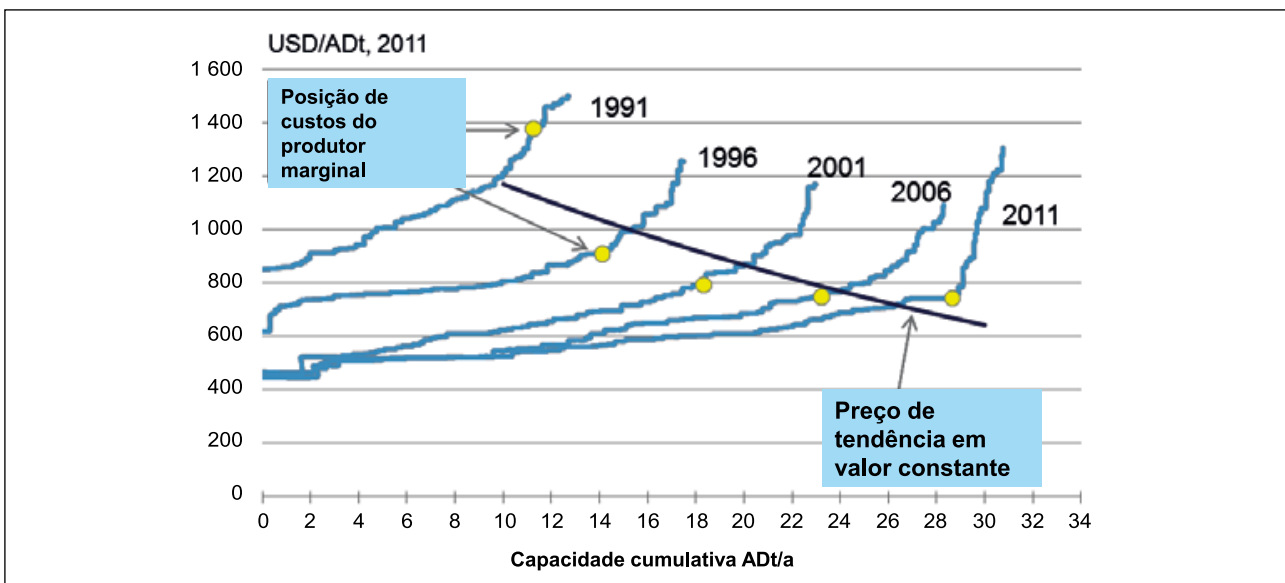


Figura 7 – Desenvolvimento da curva de custos para celulose de mercado BHPK desde 1991

de trabalho limitada e de baixa produtividade. Além disso, temos a chamada Lei da Terra, que tem restrito fortemente os investimentos internacionais em silvicultura.

O contexto e o cenário externos no momento não são animadores para nossa indústria florestal. A Europa encontra-se em forte crise, sem perspectivas de reação no curto prazo; os Estados Unidos têm priorizado o mercado interno, além de focar nas exportações como estratégia para sair da crise; a China vem enfrentando desafios para manter suas atuais taxas de crescimento.

Favoravelmente para o carro-chefe das exportações brasileiras do setor – a celulose de mercado de fibra curta (BHKP) –, a China está envidando esforços para modificar a natureza do crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), tentando torná-lo menos dependente dos componentes exportação e investimento, bem como favorecendo o desenvolvimento de seu mercado doméstico. Isso deverá estimular o consumo de tissue, que, como vimos, é o grande motor do consumo adicional de BHKP. Tal fato pode explicar a elevação do preço da celulose para exportação no primeiro semestre de 2013, na contramão da maioria das commodities.

Em síntese, a indústria brasileira de base florestal, principalmente a que tem como principal alvo o mercado externo, vem perdendo competitividade, e novas regiões começam a despontar como fornecedoras competitivas. No curto prazo, portanto, é fundamental que a

indústria atue fortemente para aumentar sua competitividade pela redução de custos e pelo aumento da produtividade florestal e industrial (**Figura 8**). No médio prazo, deve buscar a redução do chamado “custo Brasil”, para dar sustentabilidade a suas ações de curto prazo.

Nesse contexto, a primarização das operações de silvicultura aparece como uma das principais oportunidades para redução dos custos de produção de madeira e para o aumento da produtividade florestal.

Projetos de consultoria já realizados pela Pöyry Silviconsult para os setores de produção de madeira e de papel/celulose identificaram os seguintes impactos positivos que podem decorrer da primarização da silvicultura:

- redução sustentável dos custos operacionais da ordem de 5% a 15%;
- ganhos imediatos de produtividade operacional;
- captura de desonerações fiscais e ganhos tributários;
- oportunidade de investimentos em melhorias contínuas e inovações tecnológicas com ganhos de produtividade no médio prazo;
- controle do processo e da qualidade de produção;
- estabelecimento de métricas de avaliação de desempenho e redução de riscos legais e conflitos sociais.

A primarização oferece ainda a oportunidade de repensar o “modelo de negócios” usualmente utilizado pelas empresas para abastecer a indústria, analisando-se a estratégia, a proposição de valor, os recursos e os processos – especialmente o de gestão. ■

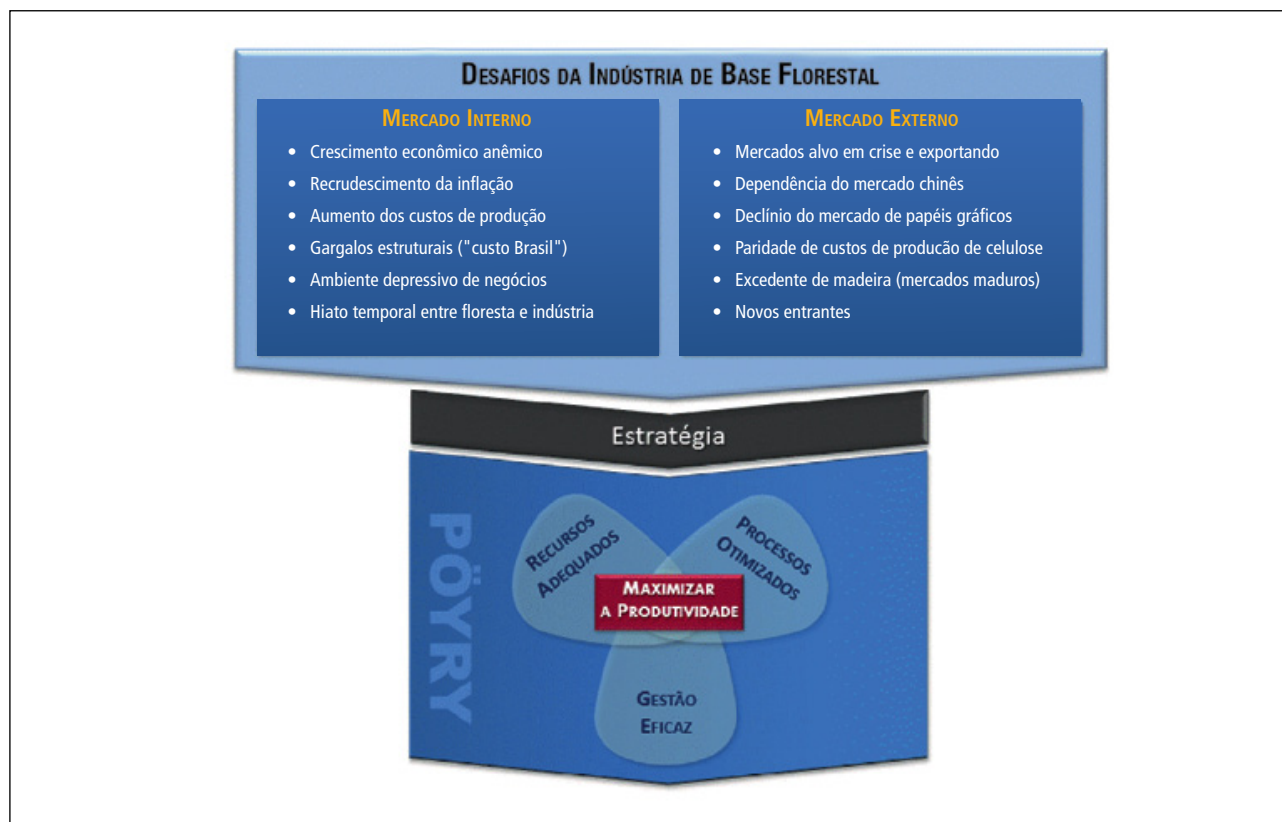


Figura 8 – Indústria de base florestal – Estratégia para enfrentar os desafios